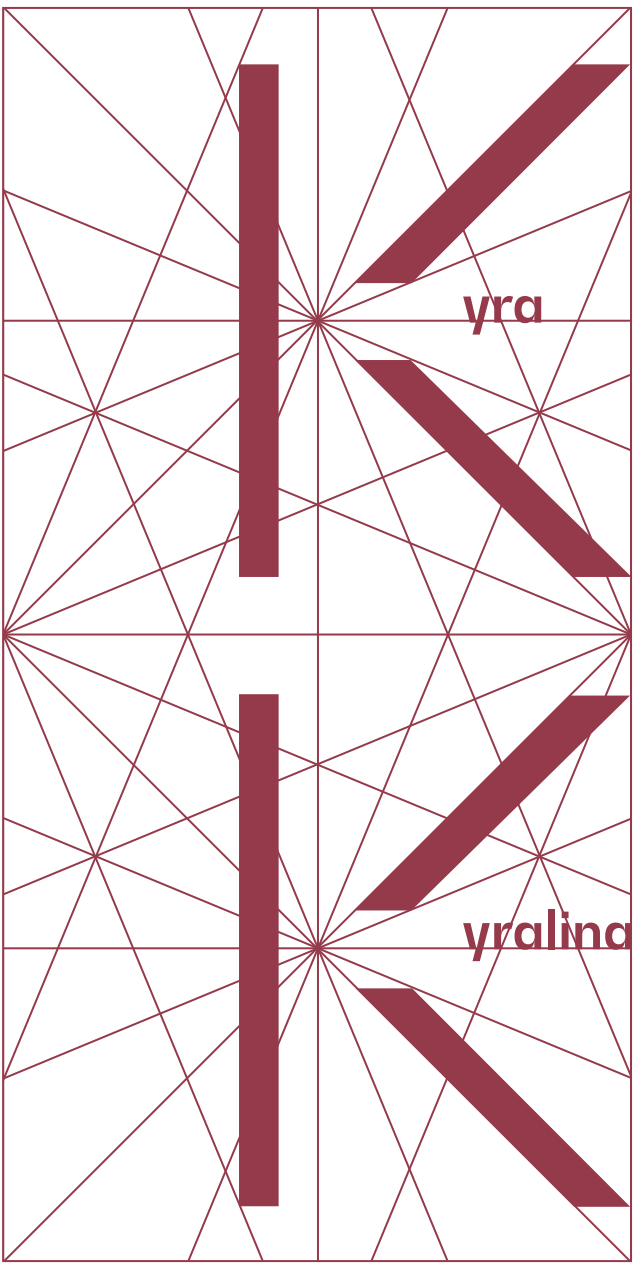


Panaiti
Istrati

As narrativas
de Adrien Zograffi

Tradução:
Erika Nogueira

CARAMBAIA



yra

yralina

Sunário

Prefácio

Romain Rolland 05
Panait Istrati 09

Kyra Kyralina

1. Stavro 11
2. Kyra Kyralina 53
3. Dragomir 97

Postfácio

Nota biográfica 165
Leitura recomendada 179

Nos primeiros dias de janeiro de 1921, chegou a mim uma carta do hospital de Nice. Havia sido encontrada junto ao corpo de um desesperado que acabara de cortar a própria garganta. Era pouca a esperança de que ele sobrevivesse ao ferimento. Li e fui tomado pelo tumulto do gênio. Um vento tórrido sobre a planície. Era a confissão de um novo Górkí dos Bálcãs. Conseguiram salvá-lo. Eu quis conhecê-lo. Travou-se uma correspondência. Tornamo-nos amigos.

Seu nome é Istrati. Nasceu em Brăila, em 1884, filho de um contrabandista grego, que não chegou a conhecer, e de uma camponesa romena, mulher admirável cuja vida de trabalho incansável lhe foi devotada. Apesar da afeição que tem por ela, aos 12 anos ele parte, impelido por um demônio da vagabundagem ou, antes, pela necessidade insaciável de conhecer e de amar.

trabalhos extenuantes, divagação e infortúnios, queimado pelo sol, encharcado pela chuva, sem pouso e enxotado por vigias noturnos, faminto, doente, dominado por paixões e esmagado pela miséria. Faz de tudo: é garçom de cabaré, confeitiro, chaveiro, caldeireiro, mecânico, servente, escavador, descarregador, criado, anúncio ambulante, pintor de letreiros, pintor de paredes, jornalista, fotógrafo... Envolve-se, durante um período, com movimentos revolucionários. Percorre o Egito, a Síria, Jafa, Beirute, Damasco e o Líbano, o Oriente, a Grécia, a Itália, frequentemente sem um tostão, escondendo-se por vezes em barcos, onde, descoberto a bordo, é jogado em terra na primeira escala. Vive desprovido de tudo, mas acumula um mundo de recordações e costuma enganar a fome lendo vorazmente, sobretudo os mestres russos e os escritores do Ocidente.

É um contador de histórias nato, um contador de histórias do Oriente, que se encanta e se emociona com as próprias narrativas, deixando-se arrebatar de tal maneira por elas que, iniciada a história, ninguém sabe, nem mesmo ele, se ela irá durar uma hora ou mil e uma noites. O Danúbio e seus meandros... Esse gênio de contador de histórias é tão irreprimível que, na carta escrita na véspera do suicídio, interrompe duas vezes as queixas desesperadas para narrar duas histórias humorísticas de sua vida passada.

Eu o convenci a registrar uma parte de suas narrativas; e ele se lançou numa obra de grande fôlego, da qual dois volumes já estão atualmente concluídos. É uma evocação de sua vida; e a obra, como sua vida, poderia ser dedicada à Amizade: porque ela é, nesse homem, uma paixão sagrada. Ao longo de toda a trajetória, ele se detém na lembrança das figuras encontradas; cada uma com o enigma de seu destino, que ele procura penetrar. E cada capítulo do romance

forma uma espécie de novela. Três ou quatro dessas novelas, nos volumes que conheço, são dignas dos mestres russos. Distingue-se destes pelo temperamento e pela luminosidade, pela determinação de espírito e por uma alegria trágica, a alegria do contador de histórias que liberta a alma oprimida.

É importante ter em mente que o homem que escreveu estas páginas tão lépidas aprendeu francês sozinho, há sete anos, lendo nossos clássicos.

Romain Rolland (1866-1944), escritor francês, ganhador do Nobel de Literatura de 1915, publicou este texto na revista *Europe* de 15/08/1923. Com modificações, foi inserido como prefácio na primeira edição de *Kyra Kyralina*, em 1924.

Os senhores são da opinião – assim como nosso amigo Romain Rolland – de que eu deveria explicar em algumas linhas o tema geral que se encontrará em todos os meus livros.

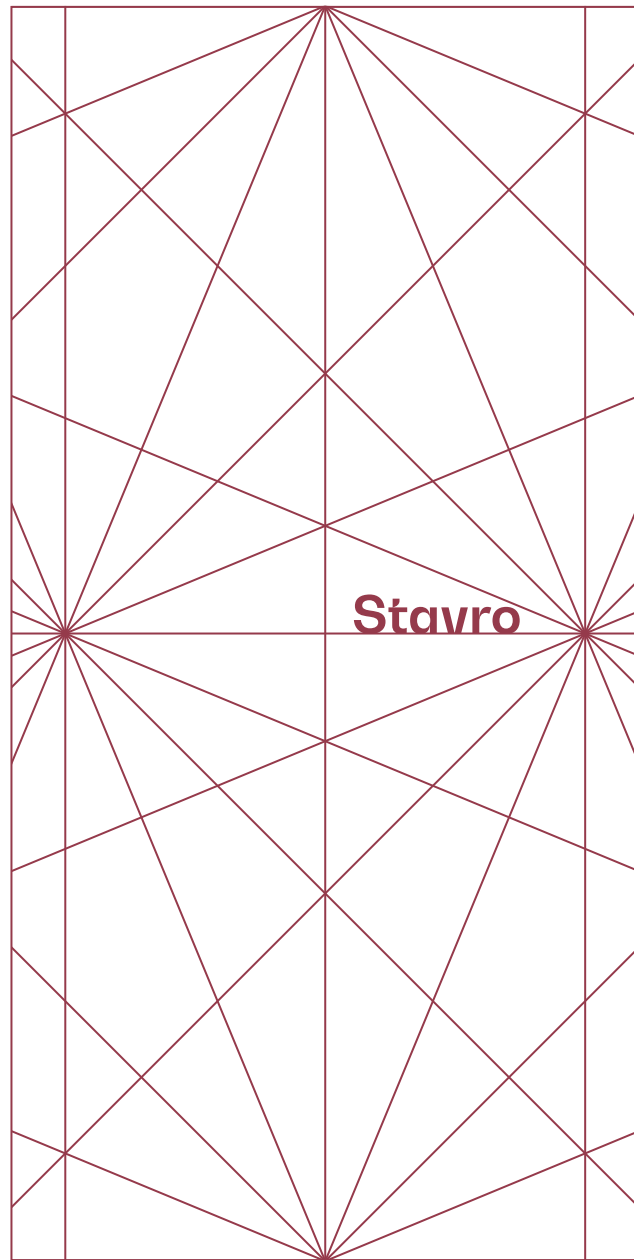
Nunca pensei que eu mesmo devesse dar alguma explicação a esse respeito. Não sou escritor profissional e não o serei nunca. Quis o acaso que eu fosse fisgado, nas águas profundas do oceano social, pelo pescador de homens de Villeneuve¹. Sou obra dele. Para que pudesse viver minha segunda vida, eu tinha necessidade de sua estima, e, para obter essa estima cálida, amigável, ele me pedia que escrevesse. “Não espero de você cartas exaltadas”, escrevia-me ele, “espero de você a obra. Realize a obra, mais essencial e mais duradoura que você, da qual você é a casca”.

1.
Romain
Rolland.
[N.A.]

Com esse chicote no lombo – e também graças à aveia que a amizade de Georges Ionesco me oferecia gentilmente –, comecei a trotar com ímpeto. As narrativas de Adrien Zograffi se devem a nós três. Abandonado à minha própria sorte, sou capaz apenas de pintar paredes, fotografar ao ar livre e realizar outros trabalhos comuns, ao alcance de todos.

Adrien Zograffi, por enquanto, é apenas um jovem que ama o Oriente. É um autodidata que encontra a Sorbonne onde pode. Vive, sonha, deseja muitas coisas. Mais tarde, ele ousará dizer que muitas delas são mal feitas pelos homens e pelo Criador. Sei que é perigosíssimo contradizer o Criador, assim como os homens que não fazem pinturas de paredes nem fotografias ordinárias na Promenade des Anglais; mas na França se diz que não é possível agradar a Deus e todo mundo. Espero, no entanto, que perdoem essa audácia de Adrien. Porque, conservando toda a sua liberdade, ele se permitirá mais uma audácia: a de amar e de ser, sempre, em todos os países, amigo de todos os homens que têm coração. Há poucos, mas Adrien não acha que a humanidade é tão vasta quanto se acredita.

Enquanto sua história não chega, neste momento ele apenas escuta a história dos outros. Escutemos com ele, se tiverem a bondade.



Adrien atravessou distraído o curto Bulevar Mãe de Deus, que, em Brãila, conduz da igreja de mesmo nome ao jardim público. Ao chegar à entrada do jardim, parou confuso e contrariado.

– Ainda assim! – exclamou em voz alta. – Já não sou criança! E acredito que tenho o direito de compreender a vida como a sinto.

Eram seis horas da tarde. Dia útil. As alamedas do jardim estavam quase desertas nas proximidades dos dois portões principais, e o sol crepuscular dourava a areia, enquanto os pequenos bosques de lilases mergulhavam na sombra noturna. Morcegos volteavam em todos os sentidos, como que desamparados. Os bancos alinhados às vias estavam quase todos vazios, exceto em certos recantos discretos do jardim onde casais jovens ficavam abraçados e sérios quando algum importuno passava. Adrien não prestou atenção a nenhum

ser humano com quem cruzou no caminho. Aspirava ávido o ar puro que subia da areia recém-regada, a mistura embalsamada do perfume das flores, e pensava naquilo que não conseguia compreender.

Não compreendia sobretudo a oposição que a mãe fazia à escolha de suas relações, oposição que acabara de culminar em uma violenta discussão entre mãe e filho único. Adrien meditava:

“Para ela, Mikhail é um *estrangeiro*, um *malandro suspeito*, o *empregado* do confeitiro Kir Nicolas. Como assim? E eu, o que sou? Um pintor de paredes e, além disso, ex-empregado do mesmo confeitiro! E, se amanhã eu for para outro país, serei, necessariamente, considerado malandro por lá?”

Irritado, bateu o pé no chão:

– Raios! É uma injustiça revoltante com o coitado do Mikhail. Eu gosto desse homem porque é mais inteligente que eu, mais instruído, e porque aguenta a miséria sem se queixar. E aí? Quer dizer que quem se recusa, como ele, a sair bradando aos quatro ventos nome, país de origem e número de dentes que lhe faltam não passa de um *malandro*? Pois bem! Sim, quero, sim, ser amigo desse *malandro*. E fico muito feliz com isso.

Adrien continuou passeando maquinalmente e, ao mesmo tempo, ia fazendo a crítica mental de tudo o que a mãe lhe dissera; e tudo lhe pareceu absurdo:

“E essa história de casamento? Eu tenho só 18 anos, e ela já pensa em me botar nas costas uma palerma qualquer; palerma e, quem sabe, também coelha, que vai me sufocar com seu afeto e transformar meu quarto em despejo! Meu Deus! Parece até que não há nada mais inteligente para se fazer na Terra do que chocar uns pequenos imbecis, encher o mundo de escravos e virar o primeiro escravo desses parasitas. Não, não! Prefiro um amigo como Mikhail, nem que seja dez vezes suspeito. Quanto à censura de que

‘puxo as pessoas pela língua para fazê-las falar’, palavra!, não sei bem por que gosto de ‘puxar as pessoas pela língua’. É que, talvez, a luz venha do discurso dos fortes, e prova disso é Deus, que precisou falar para que se fizesse Luz.”

Na calma daquela noite primaveril, o apito de um barco atravessou o ar com seu assobio estridente e despertou o jovem, ao mesmo tempo que uma lufada perfumada de rosas e cravos o atingiu.

Adrien enveredou pelo grande parque que margeia a esplanada e domina o porto e o Danúbio. Por um instante, deteve-se para contemplar os milhares de lâmpadas elétricas que brilhavam sobre os barcos ancorados no porto, e seu peito se inflou com um irresistível desejo de viajar:

– Senhor! Como deve ser bom estar num desses paquetes que singram os mares e descobrem outras margens, outros mundos!

Contrariado por não poder se entregar a seu desejo, pôs-se de novo a caminhar cabisbaixo; então ouviu que alguém, atrás, o chamava:

– Adrien!

Voltou-se. Em um banco pelo qual ele acabara de passar, estava sentado um homem que, de pernas cruzadas, fumava. A miopia e a escuridão impediam Adrien de reconhecê-lo. O homem não se levantou, e Adrien estava aproximando-se dele, um pouco contrariado, quando deixou escapar uma exclamação de contentamento:

– Stavro!

Apertaram-se as mãos e Adrien tomou assento ao lado do outro.

Stavro, o feirante – mais comumente chamado de “o homem da limonada” por causa da beberagem que vendia nas feiras –, era primo em segundo grau da mãe de Adrien. Figura outrora muito conhecida nos

meios libertinos dos subúrbios, estava esquecida, enterrada pelos trinta anos transcorridos e pelo mal-entendido de um escândalo ocasionado por seu temperamento na época.

De estatura ligeiramente acima da média, de um loiro esmaecido, incolor, magérrimo e enrugadíssimo, olhos azuis e grandes, ora francos e sinceros, ora astuciosos e furtivos, de acordo com a ocasião, exprimiam toda a vida de Stavro. Vida chacoalhada e sacudida por sua natureza nômade e bizarra; vida arrebatada desde a idade de 25 anos pela triste engrenagem da sociedade: casamento com moça rica, bonita e sentimental, do qual saiu, um ano depois, coberto de vergonha, com o coração em frangalhos, com o caráter deformado.

Adrien conhecia vagamente a história. Sua mãe, sem entrar em detalhes, a contava como exemplo de vida odiosa; mas Adrien tirava dela conclusões inteiramente opostas; e mais de uma vez, com o instinto que tinha no âmago, ele se debruçara sobre Stavro como sobre um instrumento musical que se queira ouvir ressoar; o instrumento se recusara.

Aliás, só tinham se encontrado três ou quatro vezes no máximo, sempre na rua. A casa da mãe fechara-se para Stavro, como todas as casas honestas. Além disso, o que o feirante desajuizado poderia dizer ao menino mimado, acarinhado, monopolizado?

Para todos, Stavro era um “folgazão”; e era mesmo, queria ser. Com seu terno surrado e amarrotado, mesmo quando novo; com sua aparência de camponês citadino, camisa sem passar, sem colarinho postiço; com seu ar de charlatão larápio, era dado a exhibições verbais e gestuais que divertiam os outros, mas que o humilhavam e desacreditavam.

Abordava os conhecidos, no meio da rua, com alcu-
nhas certas e cômicas, nunca ofensivas. Muitas per-

duraram. Se alguém lhe agradava, ele o levava ao bar, pedia meio litro de vinho e, depois de brindar, ia ao pátio, “para uma necessidade”, e não voltava. E, se a pessoa encontrada fosse daquelas que “pegavam no seu pé”, ele lhe dizia animadamente:

– Seu amigo Fulano está esperando em tal bar: corra!

Mas o que divertia Adrien eram as cabeças de *tzirs*¹ e a bolsa de fumo de Stavro. Enquanto conversava com alguém, Stavro tirava do bolso uma daquelas cabecinhas de peixe seco, com a boca aberta e achatada, e a enganchava às escondidas na bainha do paletó do outro tagarela. O sujeito ia embora, levando pela rua a cabeça de peixe seco a lhe morder o paletó,

para grande divertimento dos transeuntes.

Com a bolsa de fumo era melhor. Sabe-se que no Oriente quem quer enrolar um cigarro costuma pedir a tabaqueira às pessoas com quem está. Stavro não deixava de abordar o primeiro que aparecesse; mas, depois de se servir, em vez de devolver a tabaqueira com um agradecimento, ele a colocava no próprio bolso, de onde ela imediatamente caía por baixo e saía rolando pelo chão. Então ele corria para recolhê-la e limpá-la, pedia desculpas e, querendo introduzi-la no bolso do proprietário, deixava-a escorregar pelo lado. A pobre tabaqueira, que era de metal niquelado ou de papelão prensado, ia mais uma vez ao chão!

– Ah, como sou desastrado!

– Não faz mal, senhor – costumava responder o lo-grado, examinando o objeto danificado, enquanto os espectadores se torciam de rir.

Mas Stavro nunca mais voltava a ver as tabaqueiras que maltratara alguma vez.

Foi assim que, por causa dessas brincadeiras, Adrien tinha começado a gostar daquele homem. No entanto, algumas coisas estranhas o incomodavam e confundiam:

1.
Espécie de
arenque
defumado.
[N.A.]

às vezes, no meio das risadas e das troças, Stavro se voltava sério para Adrien e mergulhava em seus olhos uma mirada clara, tranquila e superior, como fazemos com os olhos bondosos e ingênuos de um bezerro. Então Adrien se sentia diminuído por aquele feirante, fascinado por aquele iletrado. Aquilo lhe parecera inexplicável, e ele se pôs a observá-lo. Mas as ocasiões eram raras. O olhar misterioso e perturbador que Adrien chamava em segredo de “o outro Stavro” aparecia raramente, e apenas para ele.

No entanto, um dia (dez meses antes do encontro no jardim), acompanhando o “homem da limonada” ao merceiro – um velho grego taciturno que lhe fornecia açúcar e limão –, Adrien viu, de repente, surgir o “outro Stavro”; e demorou-se naquele olhar.

Estavam só os três, a um canto da venda pouco iluminado, e Stavro, com todas as rugas do rosto sumidas, os traços abrandados, os olhos bem abertos, fixos e luminosos, olhava para a cara inchada e fechada do merceiro e dizia, de modo tímido mas firme, enquanto o outro concordava com a cabeça:

– Kir Margoulis... As coisas vão mal... Não está fazendo calor, e a limonada não está vendendo. Estou consumindo minhas economias e o seu açúcar. Então, percebe? Desta vez também não pago, viu? Será como das outras vezes: se eu morrer, o senhor perderá os 10 francos.

E o comerciante, avaro, mas conhecedor dos homens, fazia fiado, com um aperto de mão seco como sua vida.

Lá fora, com a mercadoria debaixo do braço, Stavro dava um jeito de fazer trocadilhos, dar uma palmada em algum vago conhecido e pular com uma perna só:

– Eu o enrolei, Adrien, eu o enrolei! – sussurrava no ouvido do jovem.

– Mas o que é isso, Stavro! – protestava Adrien. – Você não o enrolou: você vai pagar!

– Sim, Adrien, vou pagar, se não morrer. E, se eu morrer, o diabo é que vai pagar!

– Se você morrer... é outra história. Mas você diz que o enrolou: isso significa que você seria desonesto...

– Talvez eu seja...

– Não, Stavro, você quer me enganar; você não é desonesto!

Stavro parou bruscamente, empurrou o companheiro contra uma paliçada e, retomando por um instante sua imagem, temor e dominação, bufou no nariz de Adrien:

– Sim, eu sou desonesto! Infelizmente, Adrien, sou muito desonesto!

E, dizendo isso, fez menção de continuar andando, mas Adrien, tomado por uma espécie de pânico, agarrou a lapela de seu paletó e, segurando-o, gritou com voz sufocada:

– Stavro, fique! Agora vai me dizer a verdade! Vejo dois homens em você; qual deles é o verdadeiro? O bom? Ou o velhaco?

Stavro se debateu:

– Não sei!

E desvencilhando-se brutalmente das mãos de Adrien:

– Deixe-me em paz! – gritou, irritado.

Depois, um pouco mais longe, pensando ter magoado o jovem, acrescentou:

– Eu lhe direi quando você deixar de cheirar a cueiros.

Desde então, não voltaram a ver-se; Stavro percorria as feiras entre março e outubro; durante o inverno vendia castanhas assadas Deus sabe onde. A Brãila, vinha apenas se abastecer.